

RECENSÕES DISCOGRÁFICAS

Canto Gregoriano: Liturgia de Santo António, Coro Gregoriano de Lisboa, POLYGRAM 443 812 2/DECCA 444 494-2; *Gregorian chant: Mass for Peace*, Coro Gregoriano de Lisboa, DECCA 455 499-2

A interpretação do canto gregoriano no século XX pode dividir-se em dois grandes períodos: o da dominância da Escola de Solesmes, que cobre os primeiros três quartos do século, e o da afirmação da Escola Semiológica, actualmente hegemónica. Os monjes beneditinos de Solesmes (mosteiro francês situado perto de Le Mans) tiveram um papel fundamental na restauração melódica do canto gregoriano, e em larga medida as linhas melódicas adoptadas pelos livros oficiais do Vaticano, no início deste século, devem-se ao seu labor de recolha, estudo científico e publicação dos documentos musicais da Idade Média. A Escola Semiológica alicerça-se nos trabalhos de investigação e no exemplo pedagógico de um antigo monge de Solesmes, Eugène Cardine (1905-1988), que após a morte do musicólogo catalão Higinio Anglés (1888-1969), passou a dirigir o Pontifício Instituto de Música Sacra, em Roma. Os seus discípulos, sobretudo italianos e alemães, deram continuidade ao seu ensinamento, que visa a compreensão das famílias de notação neumática que mais nos informam sobre o ritmo gregoriano. À restauração melódica (incompleta) do início do século seguiu-se assim um movimento de restauração rítmica, que se internacionalizou decisivamente após a publicação por Solesmes, em 1979, do *Graduale Triplex*, livro que conjuga as linhas melódicas do Gradual oficial com a transcrição paralela de neumas de

manuscritos do século X - de Laon e de S. Gall/Einsiedeln - cujo conteúdo é, para os especialistas, notavelmente informativo.

A fundação, em 1989, do Coro Gregoriano de Lisboa, sob a direcção de Helena Pires de Matos, permitiu que os princípios interpretativos da Escola Semiológica encontrassem adequada expressão pública em Portugal. Para além de uma actividade regular de concertos, o Coro Gregoriano de Lisboa gravou dois discos compactos, lançados em 1994 e 1997, dedicados respectivamente à liturgia para a festa de Santo António e às peças de canto da Missa pela Paz. A qualidade que imediatamente ressalta destas duas gravações é a invulgar preparação vocal e musical dos cantores, tanto nas partes corais (com as vozes plenamente fundidas) quer nas secções solísticas. É igualmente notória a unidade e propriedade do estilo interpretativo, tanto no que respeita à velocidade do tempo musical (moderado), como no que respeita aos detalhes rítmicos, que salvo raras e compreensíveis excepções nalguns solos, são fiéis às indicações dos neumas de Laon e S. Gall. A atmosfera sonora oferecida é contudo diferente nos dois discos, devido à diferente acústica dos locais de gravação e à opção por uma captação menos directa, com maior reverberação ambiente, na gravação mais recente.

Apesar das qualidades acima apontadas, e que de resto justificam o nosso aplauso, há a observar alguma insensibilidade histórica e problemas de fixação do texto musical que parecem indiciar imaturidade musicológica e impreparação científica. Para começar, é evidente que o Coro Gregoriano de Lisboa tem passado ao lado do património litúrgico-musical português. No primeiro

disco, a sua Liturgia de Santo António (realização de uma de várias possibilidades oferecidas pelos livros de canto oficializados por Roma) ignora as peças próprias inéditas dedicadas a Santo António presentes nos antigos livros litúrgicos nacionais; no segundo disco, os cânticos da Missa pela Paz cujos textos foram retirados de um Missal cisterciense do século XIV proveniente do mosteiro de Lorvão não usam as melodias que aí foram cantadas, mas versões melódicas totalmente alheias à tradição cisterciense representada pelo Gradual do mesmo mosteiro (manuscrito a que não se faz referência alguma). Isto pode dar a ideia de que o canto gregoriano se limita ao repertório recolhido nos livros oficiais do Vaticano, e que as versões melódicas aí recolhidas são representativas de todas as épocas, regiões e filiações espirituais, o que é, no mínimo, redutor. Uma das riquezas do canto gregoriano reside precisamente na variedade do repertório e nas particularidades musicais associadas a liturgias monásticas ou regionais. Mas adiante. O que é mais grave é que se revêm as linhas melódicas da edição Vaticana do Gradual sem que o critério seguido seja minimamente adequado. Alegadamente - reportando-nos ao disco de 1997 - a correcção fez-se tendo em conta os neumas lotaríngios e suíços transcritos no *Graduale Triplex* (que não indicam precisamente as notas a cantar) e um manuscrito do Sul de Itália, o códice 34 da Biblioteca Capitular de Benevento (que se pode transcrever melodicamente sobre linhas). Corrigir significa reconhecer um erro no restauro da linha melódica primitiva, e eliminá-lo. Ora, se examinarmos, por exemplo, o gradual *Benedictus Dominus* tal como é cantado, verificamos que o que se faz é seguir, ponto por ponto, o manuscrito de Benevento, como se ele fosse necessariamente e sempre melhor que a edição Vaticana. Isso seria pacífico se se tratasse de corrigir cordas de

recitação em peças do 3º modo (aspecto onde a autoridade dos manuscritos do Sul é consensual), mas não é o caso. Poderia ser talvez defensável eleger o manuscrito de Benevento como fonte melódica única, mas também não é essa a opção tomada: nas comunhões *Pacem meam* e *Tollite*, por exemplo, a aderência ao manuscrito é apenas parcial, por contrariar claramente, em certos pontos, os neumas transcritos no *Graduale Triplex*. Só que, ainda assim, se adere demasiado às versões beneventanas. Algumas ilustrações: o gradual *Laetatus sum*, sobre *et*, Benevento 34 (seguido no disco) tem, em vez do ré normalmente encontrado, um si que não se encontra em praticamente nenhum outro manuscrito medieval (consultei mais de vinte). Na comunhão *Pacem meam*, no penúltimo *alleluia*, a variante de Benevento (no disco) é contrariada pela letra significativa *a[ltius]* de S. Gall. No ofertório *Sanctificavit*, em *Moyses*, e na comunhão *Tollite*, em *in atria*, a «correcção» ouvida no disco e inspirada por Benevento 34 é contrariada por uma outra letra significativa, o *s[ursum]* de S. Gall. Em todos estes casos, e - suspeito - em muitos mais, Benevento 34 é uma fonte menos fiável do que a edição Vaticana. É verdade que esta última tem muitos erros melódicos, mas a solução não é pegar num manuscrito que esteja na moda nos círculos semiológicos e substituir os erros melódicos da Vaticana pelas corrupções melódicas desse manuscrito. Fazê-lo, ainda por cima sem ter em conta as letras significativas de S. Gall, é sinal de um amadorismo que o Coro Gregoriano de Lisboa não merece. O resultado são melodias que historicamente nunca existiram e que estão tão distantes das presumíveis melodias primitivas como aquelas que há quase um século são cantadas pelos vulgares executantes de canto gregoriano.

MANUEL PEDRO FERREIRA